



A educação infantil e seus desafios no período pós-pandemia

Luisa Leal Susin¹
Alexandre Henrique Susin²

Resumo: Este artigo faz uma revisão da literatura com objetivo de analisar os reflexos da pandemia da COVID-19 na educação, enfatizando principalmente as consequências na Educação Infantil. O ensino remoto foi a alternativa encontrada para que a educação não parasse em tempos de distanciamento social, ingressando em um período de dúvidas sobre como aplicar o ensino e questionamentos no âmbito da infraestrutura e das questões socioeconômicas. O uso de dispositivos, desde que apresentem conteúdos apropriados, podem ser positivos para desenvolvimento da criança, mas não devem ser substitutos das interações presenciais necessárias na educação infantil, embora sejam importantes para comunicação e manutenção de vínculos entre crianças, famílias e professores. O sinergismo e complementaridade nas forças entre gestores, poder público, professores e familiares é fundamental para garantir o ensino e a aprendizagem das crianças brasileiras. Elas são sujeitos sociais que constituem grupos com relativa autonomia na produção cultural e esse processo guarda em si alguma reprodução, então, serão afetados por fatores de desigualdade social. As plataformas digitais são uma alternativa de manutenção da oferta de educação, mas não foram bem utilizadas pela maioria, por problemas de infraestrutura, apatia, falta de um computador em casa ou pela não aplicabilidade das ferramentas à faixa etária. A educação precisa de um plano nacional com objetivos claros e investimentos nas escolas e nas pessoas, desde os alunos até os professores, e necessariamente contribuir para que as famílias tenham discernimento e dedicação à educação de seus filhos, mesmo em momento adverso.

Palavras-chave: educação infantil; COVID-19; pandemia.

Childhood education and its challenges in the post-pandemic period

Abstract: This article reviews the literature with the aim of analyzing the effects of the COVID-19 pandemic on education, emphasizing mainly the consequences on Early Childhood Education. Remote teaching was the alternative found so that education does not stop in times of social distancing, entering a period of doubts about how to apply teaching and questions in the context of infrastructure and socioeconomic issues. The use of devices, as long as they present appropriate content, can be positive for the child's development, but they should not be a substitute for face-to-face interactions necessary in early childhood education, although they are important for communication and maintenance of bonds between children, families and teachers. The synergism and complementarity in the forces between managers, public authorities, teachers and family members is fundamental to guarantee the teaching and learning of Brazilian children. They are social subjects that constitute groups with relative autonomy in cultural production and this process contains some reproduction, so they will be affected by factors of social inequality. Digital platforms are an alternative for maintaining the education offer, but they were not well used by the majority, due to infrastructure problems, apathy, lack of a computer at home or the non-applicability of the tools to the

¹ Bacharelanda em Pedagogia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: luisalealsusin@hotmail.com.

² Possui Pós-Doutorado pela Université de Genève/Suíça, Doutor e Mestre em Dentística Restauradora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Uesp), Bacharel em Odontologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor Titular do Departamento de Odontologia Restauradora e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas (UFSM), Avaliador Institucional e de Cursos do MEC/INEP. E-mail: alexandre.susin@hotmail.com.

age group. Education needs a national plan with clear objectives and investments in schools and people, from students to teachers, and necessarily contribute to families having discernment and dedication to their children's education, even in adverse times.

Keywords: childhood education; COVID-19; pandemic.

La educación infantil y sus desafíos en la pos-pandemia

Resumen: Este artículo revisa la literatura con el objetivo de analizar los efectos de la pandemia del COVID-19 en la educación, haciendo énfasis principalmente en las consecuencias en la Educación Infantil. La enseñanza a distancia fue la alternativa encontrada para que la educación no se detenga en tiempos de distanciamiento social, entrando en un período de dudas sobre cómo aplicar la enseñanza y cuestionamientos en el contexto de infraestructura y cuestiones socioeconómicas. El uso de dispositivos, siempre que presenten un contenido adecuado, puede ser positivo para el desarrollo del niño, pero no deben sustituir las interacciones cara a cara necesarias en la educación infantil, aunque son importantes para la comunicación y el mantenimiento de lazos entre niños, familias y maestros. La sinergia y complementariedad de fuerzas entre gestores, autoridades públicas, docentes y familiares es fundamental para garantizar la enseñanza y el aprendizaje de los niños brasileños. Son sujetos sociales que constituyen grupos con relativa autonomía en la producción cultural y este proceso contiene alguna reproducción, por lo que se verán afectados por factores de desigualdad social. Las plataformas digitales son una alternativa para mantener la oferta educativa, pero no fueron bien utilizadas por la mayoría, por problemas de infraestructura, desidia, falta de computadora en casa o la no aplicabilidad de las herramientas a la franja etaria. La educación necesita un plan nacional con objetivos claros e inversiones en las escuelas y las personas, desde los estudiantes hasta los docentes, y necesariamente para contribuir a que las familias tengan discernimiento y dedicación en la educación de sus hijos, aún en tiempos adversos.

Palabras clave: educación infantil; COVID-19; pandemia.

1 Introdução

1.1 O contexto e um breve histórico

Considerando os efeitos da pandemia na educação, pode-se tecer um breve contexto preliminar iniciando pela afirmativa de que, nem mesmo nos períodos das grandes guerras mundiais, a humanidade inteira esteve tão afetada por mudanças compulsórias determinadas pelos governos ou pelas autoridades sanitárias. De fato, o que ocorreu em todos os aspectos da vida humana, embora encontre precedentes remotos, como no caso da pandemia da gripe espanhola em 1918 e 1919, não pode ser comparada com a COVID-19, uma vez que esta última influenciou absolutamente tudo o que se faz, especialmente pela velocidade com que as informações são disseminadas atualmente e o impacto global imediato que provocou. O lema “salvar vidas” tomou abrangência planetária e a guerra contra a doença foi instantaneamente declarada no mundo todo.

A epidemia que fazia vítimas apenas na China, logo assolou o planeta inteiro. No primeiro trimestre do ano de 2020, a mesma foi elevada à categoria de “pandemia” pela

Organização Mundial da Saúde (OMS), obrigando a humanidade a conviver com mudanças institucionais, coletivas e individuais inéditas na história. Dentre os documentos elaborados pelo Observatório COVID-19 da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) (2021), há um que alerta aos gestores em todos os níveis sobre as suas consequências que vão além da saúde:

A pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias (FIOCRUZ, s.p.).

É sob esse alerta que a população mundial viveu por praticamente dois anos e ainda hoje convive com alguns de seus resquícios, seja no âmbito econômico, de saúde, cultural, social ou educacional.

1.2 A pandemia e suas repercussões imediatas na educação

Desde a declaração pela OMS da pandemia do coronavírus (para cuja doença a denominação definida foi COVID-19), o mundo se tornou um local onde passaram a vigorar novas condutas, diretrizes e protocolos, todos visando o controle da disseminação da doença.

Todos os setores da economia mundial foram atingidos, em especial o setor da economia da saúde, onde tanto o setor público quanto o setor privado sofreram impactos importantes do ponto de vista despesas e demandas, e a saúde passou a operar em um nível de exigência que chegou ao esgotamento de recursos materiais e humanos (Aveni, 2020). O número de pessoas afetadas pela doença e que passaram a necessitar de cuidados médicos emergenciais foi extremamente alto, se considerado o conhecimento sobre a doença e a capacidade instalada – hospitais, medicamentos e profissionais da saúde aptos ao enfrentamento da crise global.

Essa situação forçou as autoridades a tomarem atitudes bastante enérgicas na tentativa de conter a propagação do vírus, como a política do isolamento social, que afetou não só os adultos em sua atividade produtiva, mas também as crianças em idade escolar. Associa-se a isso o questionamento acerca do isolamento e suas consequências e, ainda, se este mesmo não representa apenas uma continuidade de um isolamento das crianças que já

vinha sendo construído ao longo do tempo na forma do não pertencimento, no que diz respeito aos espaços e ao isolamento também na forma de proteção à saúde (Jorge *et al.*, 2023).

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2021), realizada com 168.739 escolas, 99,3% delas suspenderam as atividades presenciais, especialmente nos primeiros meses da pandemia, e a média nacional de dias de suspensão das atividades presenciais foi de 279 dias, durante o ano letivo de 2020. Ademais, de acordo com a pesquisa, a realização de reuniões virtuais para planejamento foi a estratégia mais adotada pelos professores, ficando constatado que o uso de e-mail, telefone, redes sociais e aplicativos de mensagens foram os métodos mais frequentes para manutenção de contato com os alunos (INEP, 2021).

Dessa maneira, pode-se afirmar que a educação foi uma das áreas mais afetadas pela política do isolamento social, uma vez que uma imediata e radical necessidade de adaptações foi demandada e se apoiou especialmente nas tecnologias digitais. Conforme Santana e Sales (2020), essas práticas não foram efetivas no que diz respeito à qualidade do ensino e ainda podem vir a comprometer a cultura institucional para o desenvolvimento dos processos formativos à distância.

Embora para Alves (2020), o processo de ensino-aprendizagem mediado pelas tecnologias digitais sempre representou grande desafio em virtude do cenário escolar, o contratempo vivido, especialmente no ano de 2020, com o acentuado e emergencial declínio da oferta de educação presencial, foi um momento especialmente crítico, cujos obstáculos tornaram-se quase intransponíveis. No contexto da Educação Infantil, o uso de tecnologias digitais de informação, embora façam parte do cotidiano de crianças pequenas, não são indicadas, visto que não asseguram respostas efetivas aos pleitos da Educação Infantil nos quesitos da importância do movimento, da brincadeira, das relações presenciais e da necessária pouca exposição às telas (Anjos; Francisco, 2021).

2 Objetivo e Metodologia

Considerando o cenário atual e pretérito, o objetivo deste estudo foi de realizar uma abordagem da literatura acerca dos efeitos da pandemia da COVID-19 na educação. O foco principal do trabalho foi atender mais especificamente a Educação Infantil, considerando a percepção do tema a partir das referências levantadas no período emergencial e atual.

Assim, foi realizado um levantamento bibliográfico do período pandêmico e pós-pandêmico em sites de busca, Google Acadêmico, sites de jornais brasileiros e estrangeiros e Ministérios da Educação e da Saúde. Os termos utilizados na busca foram “pandemia”, “covid-19”, “educação”, “educação infantil”, “tecnologias digitais”, “ensino remoto” e “processo de ensino-aprendizagem”. Como variáveis, os termos foram associados livremente. Os artigos e notícias capturados a partir da busca foram submetidos a uma seleção a partir do título e/ou do resumo (quando presente).

Os documentos selecionados para este estudo tiveram origem de periódicos variados. Estes foram lidos para que fossem extraídas as informações mais relevantes e que pudessem contribuir com o objetivo desta revisão. Além destes, outros documentos (artigos e legislação) considerados importantes no contexto da educação também foram utilizados para fins de contextualização do tema.

3 Revisão da Literatura e Discussão

O presente artigo fez uma análise dos efeitos da pandemia na educação brasileira, com especial ênfase às consequências para a Educação Infantil. Tendo a pandemia da COVID-19 afetado diretamente todos os setores da economia mundial, considera-se que uma análise mais detalhada acerca dos efeitos da crise sanitária na educação brasileira se faz necessária, em especial porque o setor teve impactos distintos, seja pela faixa etária, por motivos socioeconômicos ou pelo despreparo coletivo para o enfrentamento das mudanças exigidas tão imediatamente, em especial no contexto infantil. Não houve tempo para planejamento e muito menos para um trabalho de qualificação dos envolvidos no processo, assim, ficou mais evidente ainda que tal mudança de modelo exige adequado e criterioso treinamento para seu melhor desenvolvimento e aproveitamento (Cunha *et al.*, 2022).

A exemplo do setor da saúde, a educação precisou operar no saneamento das limitações pré-existentes e daquelas provocadas pela doença. Muitos problemas que sempre estiveram no debate entre os educadores tomaram proporções gigantescas e necessitaram soluções urgentes, a começar pela conectividade em redes de computadores e celulares, para a necessária guinada para o modelo de ensino remoto. De acordo com Anjos e Francisco (2021), o uso de dispositivos mediados por adultos, desde que apresentem conteúdos apropriados, podem não interferir negativamente no desenvolvimento da

criança. Todavia, eles não devem ser substitutos das interações presenciais tão necessárias no contexto educacional infantil, embora sejam recursos muito importantes para comunicação e manutenção de vínculos entre as crianças, as famílias e os professores.

Aumentando a dramaticidade da nova demanda criada pelo ensino remoto, ainda precisaria ter sido solucionada a questão socioeconômica e o enorme abismo tecnológico e social ao qual a sociedade brasileira está submetida. Nesse contexto, para Gago e Corbellini (2021), o período pandêmico gerou uma necessidade ainda maior de se encontrar uma forma de manter o vínculo educacional em um período especialmente desafiador e evitar a desistência. A evasão escolar dos jovens poderia sair do controle e, assim como a saúde passou a contabilizar um número de óbitos sem precedentes, a educação viu no isolamento social e na falta de recursos tecnológicos das famílias mais um motivo para o aumento da evasão escolar (Santos; Mendes; Souza, 2022).

Conceitos de Rumberger (2011) e Sales *et al.* (2013), citados por Gago e Corbellini (2021, p. 123), no que diz respeito à evasão escolar, asseguram que a mesma pode ser determinada por alguns fatores:

Seguindo, Rumberger (2011) também aponta para uma grande variedade de fatores, dentre eles aqueles relacionados à escola, família e trabalho, que podem contribuir para o fenômeno da evasão. Refere ainda, que a interação entre esses fatores, ao longo do tempo, dificulta que se consiga demonstrar uma relação causal entre um dos fatores isolados e a decisão de abandonar a escola. Já para Sales *et al.* (2013, p. 6), a evasão escolar “é um fenômeno complexo, multifacetado e multicausal; está atrelado a fatores pessoais, sociais e institucional”.

Embora os fatores citados pelos autores originalmente tenham sido descritos muito tempo antes do advento da pandemia da COVID-19, eles guardam relações extremamente próximas do contexto vivido recentemente e ainda relativamente atual.

As mudanças radicais e imediatas demandadas fizeram com que muitos sofressem por falta de preparo e de infraestrutura, o que adicionou ainda mais responsabilidades à rotina já tumultuada dos professores. Conforme Vieira e Oliveira (2013) – em estudo publicado muito antes da pandemia da COVID-19 – o acúmulo de funções e tarefas, ao mesmo tempo que não são oferecidas condições necessárias ao cumprimento das mesmas, a sobrecarga de trabalho, as jornadas extras e a baixa remuneração representam fatores que impedem o melhor desempenho do professor em suas atividades.

Adicionalmente, durante a emergência sanitária, todos foram impactados e as

reações foram as mais diversas; dentre elas a total apatia, que é muito nociva, mas também, quase como um contraponto, ocorreu o estabelecimento de uma nova conduta pedagógica e didática muito propositiva. Esta, porém, nem sempre bem-sucedida, agravou a exposição dos professores a fatores de estresse, embora o modelo tenha, pelo menos, servido para limitar parcialmente os danos advindos daquele momento.

Entretanto, o modelo também não se mostrou suficiente, conforme análise de Fontana, Rosa e Kauchakje (2020, p. 99):

O sistema de ensino remoto desencadeou problemas de natureza socioeconômica, política, pedagógica, tecnológica e de saúde, no contexto da nova configuração da educação básica e superior. Entre os problemas, são enfatizados: a falta de acesso às tecnologias digitais e rede de internet; a intensificação do trabalho dos profissionais da educação; políticas não democráticas de ensino remoto adotadas pelos sistemas de ensino; desigualdade social em relação às políticas de avaliação em larga escala; os investimentos na substituição do sistema presencial pelo ensino a distância; as dificuldades das famílias na tutoria dos estudos das crianças e adolescentes de forma remota e no acesso aos meios virtuais de comunicação, além da tensão e do adoecimento emocional de professores, familiares e alunos.

Coutinho e Côco (2020) afirmam que as crianças são sujeitos sociais que constituem grupos geracionais com relativa autonomia na produção de cultura e esse processo guarda em si alguma reprodução de modelo e, desse modo, reproduzirão como sujeitos afetados por fatores advindos da desigualdade social. Diante disso e tendo em vista o cenário brasileiro, que tem como herança muitos anos de falta de valorização da educação e de investimentos, os danos adicionais produzidos podem aproximar a população perigosamente do caos educacional para uma geração inteira, já afetada pela realidade vigente no período pré-pandêmico. Isso porque, além da “perda” – pelo menos parcial – de um ou dois anos de oportunidades de aprendizado e desenvolvimento, ainda não se sabe muito sobre o impacto geral, os necessários investimentos futuros, o tempo para recuperação dos prejuízos e os danos residuais que ainda serão sofridos como reflexos das apressadas mudanças realizadas.

Ainda que o momento seja de normalidade para muitos, dado que já houve o retorno do ensino presencial em todos os níveis, ainda se convive com notícias de surgimento de novas variantes e surtos localizados que trazem insegurança e alguns temores por novas e eventualmente necessárias paralisações, apesar da imunização já ter ocorrido na quase totalidade da população (Lisboa, 2022).

Se é testemunha e vive-se em uma nova realidade global, que produz danos mais

cruéis aos países emergentes, nos quais as novas demandas criaram problemas praticamente insolúveis para o momento e aumentaram o passivo que precisará ser enfrentado no cotidiano. Há déficit tecnológico e falta de acesso de recursos digitais para uma boa parte da população e a pandemia evidenciou ainda mais o abismo educacional que aflige a todos, independentemente da faixa etária, que agora foi adicionado de um grande contingente de pessoas ainda não preparadas para o ensino à distância e uso da tecnologia. Em consonância, Cunha *et al.* (2022) defendem que a crise sanitária provocou agravamento de outras crises, como a política, econômica e social nas áreas da saúde, da segurança e da educação, por isso, para as crianças pequenas, os efeitos da pandemia ainda serão notados nos anos que estão por vir.

As consequências da pandemia e do uso das tecnologias digitais afetaram professores, estudantes e famílias. A mudança de modelo da sala de aula para as telas – e para o ambiente mais tecnológico – está associado ao cansaço dos professores, aos problemas socioeconômicos familiares, a incapacidade dos pais na lida com os menores e às incertezas quanto ao planejamento para o momento do retorno definitivo ao ensino presencial. Esse período de incertezas provocou consideráveis pioras nas ofertas de oportunidades ao público historicamente alijado do contexto da alfabetização e de educação. A União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) considera que o sinergismo e complementaridade nas forças entre gestores, poder público, professores e familiares é fundamental para garantir, em especial neste momento, o ensino e a aprendizagem das crianças brasileiras (Tokarnia, 2021).

Dessa forma, é necessário um olhar focado em relação ao professor alfabetizador e seu trabalho com as crianças, à educação continuada e às condições de trabalho, não esquecendo da necessária conscientização das famílias para que esses alunos possam aprender (Tokarnia, 2021). No caso especial das crianças em fase de alfabetização, a presidente da UNDIME no Paraná, Márcia Baldini, assegura que esse processo exige a mediação do professor. Isso porque gestos, movimentos labiais e materiais didáticos têm impacto na aprendizagem, o que fica prejudicado no ensino remoto (Tokarnia, 2021). Assim, na retomada do ensino presencial, em muitos municípios, foi importante a realização de uma “Busca Ativa”, no intuito de mitigar a ausência e as limitações impostas pelo ensino remoto às crianças mais vulneráveis, levando-os de volta às salas de aula (UNICEF, 2021).

Desde a Educação Infantil até o ensino em pós-graduação, todos foram

profundamente afetados pela adoção de imediatas transformações e adaptações para que a oferta educacional continuasse existindo durante a necessidade de distanciamento social e utilização do modelo remoto ou híbrido, mesmo que em um nível de qualidade e intensidade muito inferiores, pois os recursos e a cultura digital ainda não estão tão disseminados e disponíveis para população brasileira quanto se imaginava, incluindo para muitos professores.

Ademais, para que o ensino remoto ocorra com a qualidade desejada, há também a necessidade de treinamento para uso de chats e reuniões/aulas via Google Meet (Santos Júnior; Monteiro, 2020). Mesmo que isso tenha proporcionado algum aprendizado e experiência, ainda foi um ganho muito pequeno quando comparado com danos que foram causados pela falta de infraestrutura digital, por decisões gerenciais tomadas em caráter de urgência e pela necessidade de enfrentamento de uma nova realidade pedagógica, muitas vezes associada às reivindicações de familiares e estudantes (Barros; Vieira, 2021).

Um breve exercício de reflexão ajuda a entender o quanto a tecnologia pode, ao mesmo tempo que representar a solução para alguns, ser um grande problema para outros. Para entender, basta pensar sobre qual o percentual de famílias brasileiras que tem disponível computador, celular e internet com velocidade adequada para acompanhar aulas remotas, baixar conteúdo, fazer pesquisas e se comunicar com o professor e outros colegas, ao mesmo tempo. Isso, sem falar na necessária disciplina e maturidade, o que não pode ser considerado algo tão comum entre as crianças, nem entre os jovens e, da mesma forma, em muitos familiares.

No caso dos pais, estes, na sua maioria, nem tinham como controlar os horários e qual o uso que seus filhos faziam da internet, dado que não podiam renunciar ao seu trabalho e nem se permitir ficar em casa fazendo suas atividades de forma remota, mantendo o distanciamento social e, ao mesmo tempo, dedicar um olhar vigilante às atividades escolares de seus filhos. A soma desses fatores criou um ambiente pedagogicamente impróprio e fez com que muitas crianças acabassem ficando mais em jogos ou redes sociais (quando a velocidade de internet e do equipamento permitiam) do que no ambiente educacional. As perdas obtidas foram imensas nessa ilusão de que a tecnologia daria conta de substituir a sala da aula. Nada substitui o ambiente escolar, já que ele é um local onde as crianças são estimuladas ao relacionamento interpessoal e a socialização (Alves, 2020).

O contato físico, as brincadeiras, as atividades lúdicas e o compartilhamento de

espaços e objetos são pré-requisitos da boa prática pedagógica. Os elementos citados não podem ser negligenciados, contudo, todos deixaram de existir na sua forma mais primordial pela necessidade imposta durante o período mais crítico da pandemia. Em seguida, vieram os necessários protocolos de retorno parcial, onde não só uso de máscaras e álcool gel ganharam espaços, mas também a limpeza imediata de todos os objetos tocados pelos alunos, a impossibilidade de atividades coletivas e os horários reduzidos. Ou seja, o distanciamento continuou, embora com novo conceito e forma e, dessa vez, em sala de aula.

Em determinado momento, o retorno ao ensino presencial de forma escalonada proporcionou uma visão de como seria o retorno presencial com as crianças que estavam há mais de um ano sem estudar e foi um diferencial no desenvolvimento pedagógico no processo de aprendizagem (Bonfim; De Castro; Rodrigues, 2022). Contudo, esse retorno gradativo e com protocolos rígidos também provocou muita insegurança e dúvidas operacionais, além de diversas controvérsias no ambiente pedagógico.

A partir de setembro de 2020, por exemplo, diversos municípios publicaram seus protocolos de retorno baseados em diretrizes da OMS e do Ministério da Saúde (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2020). Mesmo assim, embora tenha sido divulgado pela imprensa que essa iniciativa representava um passo importante no caminho de se retornar à normalidade, muitos representantes da categoria docente e boa parte da classe política definiu o retorno como uma atitude temerária. Em artigo publicado por Galvani (2021), representantes dos professores da Educação Infantil declararam-se em “greve sanitária” e manifestaram que continuariam o trabalho de forma remota.

Apesar daquele momento apresentar certo arrefecimento nos índices pandêmicos, o mundo ainda vivia com o temor das novas variantes apesar da velocidade de imunização apresentar-se acelerada, exceto para crianças, que só receberam o imunizante a partir de janeiro de 2022. Viu-se, assim, que o retorno ao ensino presencial no Brasil não foi na mesma velocidade e nem no mesmo momento para todos os estados, o que impossibilitou o correto diagnóstico de quando seria o momento acertado, bem como também não permitiu a adoção de rotinas administrativas e pedagógicas baseadas em um retorno consistente.

A desigualdade e a exclusão na educação se acentuaram durante a pandemia e adicionaram ainda mais desafios a serem superados além daqueles com os quais já se convivia historicamente (Trezzi, 2021). Como sociedade que experimentou e ainda vive as

sequelas de uma pandemia, é preciso que sejamos bons alunos e tirarmos proveito de algumas lições que o momento ofereceu. Pelo menos precisa-se encarar os próprios erros, refletir sobre suas causas e consequências e tentar saná-los, para que, no futuro, não sejamos eventualmente tomados por novas surpresas, o que importaria viver outra época de desorganização educacional e todos os seus reflexos.

A valorização e aperfeiçoamento da gestão, do planejamento e maiores investimentos nos professores e infraestrutura melhorariam consideravelmente a eficácia dos modelos a serem aplicados no futuro. Segundo Alves e Faria (2020) e Moreira *et al.* (2020), por conta do surgimento eventual de novos tempos de contingência, poder-se-ia estar novamente à mercê das práticas de ensino remoto, síncrono ou híbrido, os quais inviabilizam o processo de ensino-aprendizagem para todas as camadas sociais, além de prejudicar a interação social entre os atores do processo educacional.

Essa afirmativa é reforçada por Baade *et al.* (2020) e Santos e Oliveira (2021) que mencionam que as consequências do momento que se vive no período pandêmico ainda não foram muito bem dimensionadas, contudo, mesmo assim, alguma coisa foi aprendida para que seja usada em benefício do futuro em caso de novos períodos de contingências por exigências sanitárias ou de qualquer outra ordem.

4 Considerações Finais

Em virtude da pandemia e do passivo acumulado por anos, a dívida educacional tem apresentado uma conta alta a ser paga nos próximos anos e, então, mais do que nunca, alguns questionamentos legítimos devem ser respondidos pelos gestores da educação brasileira. Dessa forma, o que se pode esperar daqui por diante, em especial no âmbito da Educação Infantil, são respostas às perguntas a seguir, mas que sejam acompanhadas de atitudes e não representem apenas novos discursos:

- a) Será encontrada proatividade ou paralisia frente aos desafios atuais e futuros? Haverá investimentos em novos recursos com vistas ao resgate, desenvolvimento, modernização e democratização da educação? (incluindo a instalação e o aperfeiçoamento contínuo de um modelo multiplataforma exequível para as diferentes faixas etárias e investimentos na qualificação dos professores);
- b) O ensino remoto na Educação Infantil (e anos iniciais) pode ser aplicado no

mesmo modelo daquele aplicado de forma generalizada?

- c) Existem ferramentas tecnológicas dedicadas às crianças – e que não sejam meras adaptações – que poderiam ser aplicadas na Educação Infantil?
- d) A população estará preparada (gestores, professores e familiares) para o ensino remoto caso aconteça novo descontrole de acometimentos de doenças infectocontagiosas de rápida propagação e o distanciamento social for novamente imposto?

Apenas usar a criatividade, que é algo tão próprio dos brasileiros, pode ser insuficiente na busca das respostas e das soluções diante do momento e dos novos níveis de exigência a que todos estão submetidos no pós-pandemia. O olhar precisa ser mais do que de compaixão. São necessárias atitudes técnicas, e não emocionais, para buscar minimizar os impactos da pandemia. Não podemos conviver em um mundo educacional onde dois a cada três alunos não conseguem ler um texto simples aos 10 anos (Miranda, 2021).

Em reportagem publicada no site G1 (2020), foram mostrados dados alarmantes sobre os impactos da pandemia em todo o mundo. Segundo o site, a pandemia da COVID-19 afetou mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países, correspondendo a mais de 90% do total de estudantes do planeta (G1, 2020). Por isso, afirma-se que ainda não se tem a real noção dos danos causados nesse período. As plataformas digitais que se apresentaram como uma solução para manutenção da oferta de educação não foram bem utilizadas pela maioria, seja por problemas de infraestrutura, por problemas de apatia ou até mesmo pela falta de um computador em casa ou pela aplicabilidade à faixa etária. Até o momento, no qual a educação se viu muito dependente da tecnologia para a oferta generalizada do ensino remoto, poucos estudantes já as aproveitavam ou habituaram-se anteriormente com o uso dos recursos digitais como ferramenta de aprendizado. No caso da Educação Infantil, a aplicabilidade do método e das tecnologias pode ter efeitos ainda menos efetivos.

Assim como a área da saúde precisa de ações coordenadas para combater a doença, a educação precisa de um plano nacional com clareza de objetivos, propostas e investimentos relevantes. Esses investimentos não podem ser alocados apenas nas escolas, mas também nas pessoas, desde os alunos até os professores, e necessariamente contribuindo para que as famílias tenham discernimento e a dedicação à educação de seus filhos, mesmo em momento adverso. Apenas assim será possível criar um ambiente de

gestão onde seja possível desenvolver as necessárias ações emergenciais e as permanentes, favorecendo a melhor oferta educacional com a infraestrutura e pessoal devidamente qualificados para buscar o resgate e o desenvolvimento da educação brasileira, para todos.

Referências

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

ALVES, E. J.; FARIA, D. C. Educação em tempos de pandemia: lições aprendidas e compartilhadas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 2, p. 1-18, abr./jun. 2020.

ANJOS, C. I.; FRANCISCO, D. J. Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. esp., p. 125-146, jan. 2021.

AVENI, A. Sistemas de saúde e economia da saúde - impactos causados pela covid-19. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 477-493, 2020.

BAADE, J. H. *et al.* Professores da educação básica no Brasil em tempos de COVID-19. **Revista HOLOS**, Natal, v. 5, p. 1-16, 2020.

BARROS, F. C.; VIEIRA, D. A. P. Os desafios da educação no período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 826-849, 2021.

BONFIM, L. C. S. S.; DE CASTRO, J. F. S.; RODRIGUES, A. C. Educação infantil no contexto da educação online no município de Palmas-TO em tempos de pandemia de covid-19. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 5, p. 69-88, 2022.

COUTINHO, A. S.; CÔCO, V. Educação infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-15, 2020.

CUNHA, A. V. M. *et al.* A educação infantil em tempos pandêmicos. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 6-17, 2022.

FONTANA, M. I.; ROSA, M. A.; KAUCHAKJE, S. A educação sob o impacto da pandemia Covid-19: uma discussão da literatura. **Revista Práxis**, Volta Redonda, v. 12, n. 1, p. 97-109, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Busca ativa de estudantes é prioridade para redes municipais de educação em 2021, revela pesquisa Undime, com apoio do UNICEF e Itaú Social**. Brasília, 22 jul. 2021. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/busca-ativa-de-estudantes-e-prioridade-para-redes-municipais-de-educacao-em-2021>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GAGO, D. R.; CORBELLINI, S. Orientação educacional: o combate à evasão escolar na pandemia. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 23, n. 38, p. 118-143, 2021.

GALVANI, N. BH: professores criticam retorno das aulas da educação infantil na ALMG. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 mai. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/05/25/interna_gerais,1270063/bh-professores-criticam-retorno-das-aulas-da-educacao-infantil-na-almg.shtml. Acesso em: 12 mai. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Divulgados dados sobre o impacto da pandemia na educação**. Brasília, 08 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>. Acesso em: 10 fev. 2023.

JORGE, B. F. *et al.* As crianças em tempos de pandemia: isolamento social e o direito aos espaços. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 10, n. 2, p. 260-273, 2023.

LISBOA, V. Covid-19: em dois anos, variantes e vacinas moldaram fases da pandemia. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-03/covid-19-em-dois-anos-variantes-e-vacinas-moldaram-fases-da-pandemia>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MIRANDA, R. G. S. Educação pós-pandemia: realidade, desafios e perspectivas. **Revista Renascer**, Goiânia, n. 67, 2021. Disponível em: <https://revistarenascer.com/educacao-pos-pandemia-realidade-desafios-e-perspectivas>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MOREIRA, M. E. S. *et al.* Metodologias e tecnologias para educação em tempos de pandemia COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, São José dos Pinhais, v. 3, n. 3, p. 6281-6290, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria da Saúde. **Protocolo sanitário para retorno das atividades escolares em Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria da Saúde, 2020.

G1. **Quais os impactos da pandemia na educação básica?** São Paulo, 06. nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/especial-publicitario/sae-digital/educacao-em-evolucao/noticia/2020/11/06/quais-sao-os-impactos-da-pandemia-na-educacao-basica.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020.

SANTOS, J. C.; OLIVEIRA, L. A. Percepções sobre as ações das redes públicas de ensino durante a pandemia. **Revista Educação & Formação**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 1-23, set./dez. 2021.

SANTOS, M. D.; MENDES, M. A. L.; SOUZA, L. A. L. Evasão escolar na pandemia: estratégias adotadas por uma escola pública. *In: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 14.; SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO*, 11., 2022, Pouso Alegre. *Anais [...]*. Pouso Alegre: IFSul de Minas, 2022.

SANTOS JÚNIOR, V. B.; MONTEIRO, J. C. S. Educação e COVID-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2020.

TOKARNIA, M. Pandemia causa impactos na alfabetização de crianças. **Agência Brasil**, Brasília, 08 set. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-09/pandemia-causa-impactos-na-alfabetizacao-de-criancas>. Acesso em: 10 fev. 2023.

TREZZI, C. A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional. **Revista Dialogia**, São Paulo, v. 37, p. 1-14, 2021.

VIEIRA, L. F.; OLIVEIRA, T. G. As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, p. 131-154, mai./ago. 2013.